

'Foi desafiador encarar um ambiente tão masculino'

O Correio da Manhã ouviu o depoimento de duas bambas que nos mandaram sobre a situação das mulheres no mercado de trabalho no samba. Confira abaixo:

DAYSE DO BANJO

(cantora e instrumentista)

Há mais de 30 anos eu venho tocando samba nas rodas; eu sempre me sentia muito sozinha nas rodas, onde eu também fui a primeira mulher a vir tocando Cavaquinho na Mangueira. Isso foi em 1989. Quanto a nós mulheres, sempre é muito mais difícil. Já estamos ocupando nossos lugares, mas ainda não o lugar que merecemos. Isso caminha a passos lentos, mas já vemos as rodas com muitas mulheres competentes. Eu fico muito feliz com isso, de ter trazido também a minha história, pois hoje ainda toco, participo das rodas, componho. Quanto ao cachê, ele ainda é menor do que dos homens e existe muito problema por sermos mulheres e estarmos muito pouco nas rodas dos homens. Depende muito de produções, de pessoas que reconhecem o nosso trabalho. Temos que ter pessoas à frente de nós com essa consciência: de que somos iguais, podemos todas as coisas que os homens podem, (com certeza está sendo provado a cada dia. Vemos nas rodas mulheres competentes tocando percussão, tocando instrumentos, cantando, compondo. Esse projeto, o Mulheres na Roda de Samba, é lindo! Fico muito feliz em participar. É feito pela nossa querida Dorina, que traz esse trabalho com essa dignidade toda e com esse afinco de mostrar que nós podemos tudo. Quanto às minhas pretensões



DAYSE DO BANJO

'Há mais de 30 anos eu venho tocando samba nas rodas; eu sempre me sentia muito sozinha'

Divulgação



Acervo pessoal

MARY ARAÚJO

'Mesmo quando o grupo é misto, as mulheres nem sempre ganham igual aos homens'



Clementina de Jesus (1901-1987) e Áurea Martins são as homenageadas desta edição

futuras, sempre é estar tocando samba, e já fiz parte de um braço no Império Serrano de um bloco chamado TPM, bloco que se tornou uma escola de samba, desfilou na Intendente Magalhães, para o qual fiz parte da composição com minhas parceiras, ganhamos esse samba, foi muito lindo, Então hoje tem uma pretensão, virou escola de samba. É uma escola essencialmente de mulheres, bateria, compositoras, diretora. Pretendo para o futuro é o

que a gente tem feito agora, fortalecendo as mulheres e não deixando esse espaço sem marcar a nossa presença.

MARY ARAÚJO, instrumentista (pandeiro e caixa)

Ao longo de 25 anos de estrada com o Grupo Sódamas e participando de outros projetos musicais, mais precisamente de samba, foi desafiador encarar um ambiente tão masculino, mas também uma chance de

resistir e mudar. Sempre é preciso quebrar os preconceitos, mostrar que a gente tem capacidade, contar com o apoio de outras mulheres para abrir espaço. Em relação aos cachês, ainda existe muita desigualdade. Muitas vezes, banda só de mulheres, a gente acaba recebendo menos que bandas de homens. E mesmo quando o grupo é misto, as mulheres nem sempre ganham igual aos homens. E a gente está fazendo o mesmo trabalho. Essa diferença ainda

é uma realidade muito grande no mercado, infelizmente. Para o futuro, penso que é necessário pensar novas rodas, novos grupos de percussionistas e até mesmo escolas só para mulheres. Acho que isso faria uma grande diferença. A gente tem várias oficinas que oferecem atividades musicais. E esse projeto, para além de ensinar música, é fortalecer a confiança das mulheres, criando um espaço mais justo e com mais representatividade.

SERVIÇO

7º ENCONTRO NACIONAL E INTERNACIONAL DE MULHERES NA RODA DE SAMBA

Renascença Clube (Rua Barão de São Francisco, 54 - Andaraí)

30/11, a partir das 15h (abertura dos portões)

Ingressos: R\$1 (bilheteria ou antecipados via Sympla no link <https://11nk.dev/RSLtY>)

Colabore, se puder, com kits de higiene feminina